

Violência: mais um morto?

Muitas mortes por violência são abordadas pelos meios de comunicação de massa de um tal modo que deixa a impressão de que se trata de um acontecimento lógico, uma espécie de ponto culminante numa vida marcada pela marginalidade.

Pode-se dar como exemplo as notícias associadas, pelos jornais, ao mundo da droga, cujos envolvidos são pessoas pobres. Em geral, não é oferecida uma certeza quanto aos motivos do crime, em vez disso é assegurada a versão de que os atores estão envolvidos com o universo do tráfico.

O jornal Correio da Bahia de 28 de agosto de 2001, na página que trata de acontecimentos violentos, intitulada *Segurança*, publica uma matéria com o título *Briga entre gangues na Chapada deixa um morto e três baleados*.

Logo no primeiro parágrafo a notícia indica um “possível conflito envolvendo integrantes de gangues rivais” como o motivo para aquela violência.

A versão de uma morte esperada, aliada a uma potencialidade para matar vai se montando ao longo do texto, passando a ser o assunto principal, como se pode notar pela preferência por uma construção simbólica que engloba um sujeito genérico – moradores do Vale das Pedrinhas,

Nordeste de Amaralina e Santa Cruz – capaz de explicar a situação: “testemunhas apontam Béa, Carlinhos Beizola, Hulck e Davi como integrantes de gangues que costumam fazer arruaças e promover tiroteios na área”.

No último parágrafo da matéria, o jornal já não se apoia na regra de explicitação da fonte, mas confirma a periculosidade do lugar em que ocorreu o crime, adicionando mais uma ocorrência e associando-a, mais uma vez, a Béa e Beizola.

No produto, o jornal noticia um ambiente, uma circunstância e um perfil de atores. Peças que se encaixam em vários roteiros, como numa espécie de texto pré-moldado, no qual a violência é um pré-texto e os fatos violentos são apresentados como naturais, normais, banais e, praticamente, lógicos.

Notícias baseadas nesse formato de apresentação, certamente, contribuem para alimentar imagens estereotipadas, nas quais a violência entre pobres pode ser tratada e concebida de modo superficial. É bom lembrar que, em termos quantitativos, é justamente entre os pobres que há maior incidência de mortes por violência. Haverá sempre mais um morto. Mais um que, sem maiores explicações, terá seu nome e sua idade inseridos num texto pré-moldado. Agora foi a vez de Gilson Cerqueira Macedo Júnior, 29 anos.